

1809-2008 E O FUTURO DAS RELAÇÕES

ECONÓMICAS PORTUGAL/BRASIL

2º. Painel: Globalização e interdependências

1. É-me muito grato participar neste Colóquio intitulado 1808-2008 e o futuro das Relações Económicas Portugal/Brasil.

2. Sempre fui um brasilófilo de coração desde que visitei pela primeira vez o Brasil, em 1970. Depois voltei, praticamente, todos os anos e às vezes mais de uma vez. Apesar do Brasil ser um país imenso conheço-o relativamente bem, de norte a sul, tendo estado em quase todos os Estados.

Tenho bons amigos no Brasil, embora alguns, infelizmente, tenham morrido. É geralmente reconhecido que tenho grande apreço pelo génio do Povo Brasileiro, que é surpreendente, pela sua criatividade, alegria e dinamismo. Sempre me interessei pela maneira como vivem os brasileiros imigrantes em Portugal, considerando que dado o acolhimento que os portugueses sempre tiveram no Brasil, é uma questão de elementar reciprocidade que os brasileiros que hoje vivem em Portugal recebam um tratamento muito especial.

3. Estudei a história do Brasil, que na fase de 1808-1822 viveu um momento particularmente exaltante - único na história universal - e bastante mal conhecido em Portugal. Por exemplo, a biografia de Oliveira e Lima sobre D. João VI, fundamental para o conhecimento desse período é, ainda hoje, praticamente ignorada em Portugal, onde seria oportuno publicá-la em edição portuguesa.

4. Falar de globalização e interdependências, no momento que o Mundo atravessa é particularmente difícil. Não pela globalização em si mesma - que em boa parte resulta da revolução informática e tecnológica - e, portanto, é um dado irreversível mas pela globalização neo-liberal, desregulada e quase selvagem, que conduziu o Mundo à situação de crise em que nos encontramos. Crise financeira, económica, energética, alimentar, ambiental e sobretudo, moral.

5. O capitalismo financeiro-especulativo, sem regras éticas, nem sequer jurídicas elementares, está em agonia. Tem de ser substituído, para que o Ocidente não entre em irremediável decadência. Não se trata de destruir o mercado e a iniciativa privada, como pretendeu fazer, com total fracasso, o socialismo totalitário tipo soviético. Mas de regular a globalização e ter em conta a necessária justiça social e a defesa do ambiente, para salvar a Terra nossa casa comum, como disse Gorbachev.

6. O mercado é obviamente necessário mas - ficou claro, com a crise que estamos a viver - que não há "uma mão invisível" - para o auto-regular. Só pode ser o Estado a fazê-lo. Por isso, precisamos de um Estado forte - não de um Estado mínimo, como queriam os neo-liberais - e que não dependa dos interesses económicos, orientando-os com objectividade e combatendo a

corrupção, dignificando o serviço público, fazendo justiça aos que mais sofrem e buscando, através da concertação social, o pleno emprego.

7. Não é tarefa fácil, nos tempos que correm, atingir um tal objectivo. Mesmo para países emergentes, como o Brasil, que está ainda bastante à margem das dificuldades europeias. Mas será um primeiro passo absolutamente necessário para resolver as crises que nos afectam e para que não fique tudo na mesma, apesar dos biliões de dólares e euros gastos nos planos americano e europeu que visam essencialmente tranquilizar as bolsas, sem sequer falar na punição - indispensável - dos grandes responsáveis pela crise. Na verdade não podem ficar impunes, dada a imoralidade dos negócios feitos e do que se passa nos paraísos fiscais e nos tráficos ilegítimos - drogas, prostituição, armas, etc. - que se fazem à vista de todos, em perfeita impunidade.

8. Nesse sentido, permitam-me que vos diga que a democracia liberal - que foi tão propagandeada pelos neo-liberais americanos - tem que se transformar em democracia social e ambiental, se quisermos ter credibilidade num mundo tão desigual e conturbado como aquele em que vivemos. O Presidente Lula nesse aspecto, tem feito uma política exemplar, porque sem esquecer os equilíbrios macro-económicos de um grande país emergente não descurou lutar a sério contra as injustiças sociais e em favor de um ambiente melhor. Para tanto, importa que as grandes instituições internacionais sejam mais democratas e actualizadas, como a ONU e as suas agências especializadas. Quem pode tentar regular a globalização? Só as Nações Unidas terão autoridade para o fazer e não os directórios dos países ricos, como o G7 ou o G8...

9. As Organizações Económicas Internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, que moldadas no post-guerra nos Acordos de Breton Woods, também estão obsoletas e têm que ser integrada na ONU e reestruturadas. Bem como a Organização Mundial do Comércio que tem sido sempre exclusivamente economicistas, não tendo em conta os interesses dos países subdesenvolvidos nem dos emergentes, como temos visto nos últimos anos.

10. Em suma, o sistema tem de mudar e estamos a viver o momento de o fazer. Sem perda de tempo. É o que a crise nos ensina e se queremos viver num mundo de paz, de justiça e melhor para todos.

Se assim acontecer - como espero - a globalização e as interdependências podem fazer muito para que a Humanidade se liberte das angústias em que tem vivido e abrir novos horizontes de esperança, para todos. Permitam-me que vos diga uma última palavra para terminar. A vitória de Barack Obama - por que anseio - poderá contribuir muito para isso. Se não, infelizmente, teremos mais do mesmo...

Muito obrigado!

Salvador, 16 de Outubro de 2008